

E MAIS...

2 EDITORIAL
Lá como cá

4 MEMÓRIAS (PARTE 3)
BERTHA V. FEFERMAN
Adeus, Medicina

6 ICUF
Um aporte valioso
ISAC GLIKSBERG

8 BECO DA MÃE
Kibutz antroposófico
HENRIQUE VELTMAN

9 COMUNIDADES
A AFIB em Niterói
ANDRÉA TELO DA CORTE

10 HAQUITIA
Uma língua dos judeus
ÁLVARO CUNHA

11 CARTAS
.COM
Jerusalém
FANY SECHTER RUAH

NOTAS

Antigo *Paradisus* *Judaeorum*, Polônia se esforça para fazer o “dever de memória”

Heliete Vaitsman

Página 3

ENTRADA FRANCA

PROGRAMAÇÃO DE SETEMBRO

▪ **DIA 7, DOMINGO, ÀS 17 HORAS**

As propostas das esquerdas para governar o Rio – Debate com os candidatos à prefeitura Chico Alencar (PSOL), Eduardo Serra (PCB) e Paulo Ramos (PDT)

▪ **DIA 21, DOMINGO, ÀS 17 HORAS**

Debate sobre as pequenas comunidades judaicas brasileiras, com Luiz Benyosef (presidente do Memorial Judaico de Vassouras, diretor do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro e ex-diretor de Pequenas Comunidades da FIERJ).

Estacionamento (pago) no local – Metrô Estação Botafogo,
saída S.Clemente, direção Humaitá



Lá como cá

O primeiro-ministro de Israel, Ehud Olmert, anunciou que renunciará a seu mandato em setembro, para se defender das acusações de corrupção que pesam sobre ele. São seis denúncias, entre as quais a de tráfico de influência, que teria favorecido o empresário norte-americano Morris Talsky. Olmert já havia sofrido forte desgaste político depois da publicação de um relatório sobre os erros cometidos, em 2006, na guerra contra o Hizbolá.

Corrupção, em suas múltiplas variantes, é uma praga mundial. Embora, por razões óbvias, seja impossível medi-la com rigor, o Banco Mundial estima que ela alcance, anualmente, 1 trilhão de dólares em todo o planeta. É quase o gasto com armamentos (1 trilhão e 300 bilhões de dólares) e representa um desvio monumental de recursos públicos para fins privados.

Por aqui, conhecemos bem a silhueta do monstro. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo divulgou estudo que conclui que a corrupção no Brasil equivale a 0,7% do PIB (algo em torno de 17 bilhões e 500 milhões de reais, em valores de 2007). É mais do que a soma dos orçamentos dos ministérios dos Transportes, Cultura, Esportes e Cidades. Também já provocou escândalos políticos, o último dos quais comprometeu personagens ligados e/ou próximos do governo federal.

Em Israel, Olmert parece ter seguido os maus passos de seu antecessor, Ariel Sharon. Sharon e os filhos, Guilad e Omri, têm vasto prontuário de acusações de corrupção. Resta a dúvida: se julgados culpados, serão punidos? No Brasil, a Justiça raramente condena os chamados "criminosos de colarinho branco". A intensa atividade da Polícia Federal esbarra na solidariedade de classe dos juizes.

Uma sociedade será tão mais democrática quanto menos tolerar os abusos do poder econômico e o uso das máquinas administrativas públicas para benefícios privados. Pense nisso quando, nas eleições que se aproximam, vierem pedir o seu voto.



A diretoria da **ASA** deseja a toda a comunidade judaica um 5769 harmonioso e que gere, com o trabalho de todos, novos espaços de liberdade e respeito às diferenças. *A Gut lor! Shaná Tová! Anyada Buena!*

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretor de Comunicação/Divulgação Jacques Gruman

Diretora Cultural Clara Goldfarb

Diretor de Memória Marcos David Somberg



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

Fotos: Sara Markus Gruman

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro

Regente Claudia Alvarenga



Estes dançam



Estes cantam

E você? Vai ficar só apreciando?

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30

AULAS DE ÍDISH - Toda segunda, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças às 15h30

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

○ *Paradisus Judaeorum*

Heliete Vaitsman / Especial para ASA

A insistência com que a Polônia vem fazendo o “dever de memória” para reparar o trauma da aniquilação de sua população judaica durante a Segunda Guerra é cada vez mais notável. Embora os judeus ainda não acorram em massa ao país, onde o anti-semitismo transcendeu ideologias (tradicionalmente ligado à direita ultranacionalista, mas igualmente vigoroso sob o regime comunista), a cultura judaica floresce – ou refloresce, já que durante séculos a Polônia foi um centro irradiador de judaísmo. Sinagogas são restauradas, um festival de música e dança atrai milhares de pessoas a Cracóvia a cada verão, restaurantes “judeus” apresentam música klézmer, duas escolas judaicas estão funcionando.

Os gestos simbólicos, que correspondem às mudanças de uma sociedade que precisa se integrar à economia européia e adotar representações típicas das democracias ocidentais, têm efeitos práticos. Há pouco ocorreu a primeira ordenação de rabinos desde a guerra, numa cerimônia presidida pelo rabino-chefe do país, o americano Michael Schudrich. Outro gesto de abertura foi o anúncio, pelo presidente polonês Lech Kaczynski, católico e ex-prefeito de Varsóvia, de que levará a cabo a construção do Museu Judaico da cidade. Kaczynski fez o anúncio em abril, durante a comemoração dos 65 anos do Levante do Gueto de Varsóvia, com a presença do israelense Shimon Peres, e coroando um discurso convencional em que defendeu a necessidade de eterna vigilância para evitar a repetição de tragédias genocidas.

O Museu, cuja pedra fundamental já foi lançada, tem apoio de outros países e está planejado para se tornar um marco cultural e turístico, do mesmo porte, de acordo com seus organizadores, do Museu Judaico de Berlim e do Museu do Holocausto em Washington. Mas

não terá o Holocausto como foco. Será educacional e multimídia: através de vídeos e instalações, o público verá um teto pintado de uma sinagoga de madeira do século 18 quase do seu tamanho original, “entrará” numa rua judaica da década de 1920 e “lerá” uma das centenas de periódicos em ídich publicados no país entre as duas guerras, época em que dezenas de grupos dos mais variados matizes ideológicos tiveram liberdade de se manifestar. O Museu “viajará” pela história do judaísmo na Polônia, iniciada com a chegada de um comerciante sefaradi no século 10, e terá uma seção chamada de *Paradisus Judaeorum*, em referência ao acolhimento que os judeus ali encontraram nos séculos 16 e 17, após a expulsão de outros países.

Ainda não é cômodo ser judeu na Polônia.

Em discussões pela Internet, os poloneses lembram que tiveram um total de seis milhões de mortos na guerra, e nesse número se incluem os três milhões de judeus mortos em guetos e campos de concentração entre 1939 e 1945. Antes da guerra, porém, os judeus viveram séculos de paz no país. Quer em cidades exclusivamente suas, os *shtetls*, onde mantinham um estilo de vida próprio, praticamente sem interferência de fora, quer mesclados à população das cidades grandes, usufruíram uma grande autonomia em questões de sistema judiciário, negócios e prática religiosa. Eram 3 milhões e 500 mil antes de 1939 (a maior população judaica da Europa), hoje são cerca de dez mil autodeclarados entre 39 milhões de habitantes.

Quantos mais há, não declarados? É

impossível saber, conforme a maioria das fontes. Segundo Andrzej Zozula, presidente de uma instituição guarda-chuva, a União das Comunidades Judaicas de Varsóvia, com 500 associados, muitos judeus estão “redescobrimdo” suas origens. Mas milhares de outros rejeitam qualquer menção ao tema. Ainda não é cômodo ser judeu na Polônia, tanto assim que milhares de pessoas que esconderam judeus durante a guerra continuam anônimas. Um padre citado num artigo do jornal *Le Monde*, Jakoub Jankele-Waksinel, contou à repórter ter sentido, ao descobrir que tinha ascendência judaica, como “se tivesse caído de avião sobre uma terra desconhecida”.

Muita gente, porém, faz questão de remexer o passado. É o caso do católico Thomas Pietrasiewicz, 50 anos, que criou numa sala o pequeno Museu da Porta Bradska, em Lublin (o nome é uma referência ao arco medieval pelo qual se entrava no bairro judeu da cidade, com 43 mil habitantes antes da guerra). Pietrasiewicz tomou conhecimento do Holocausto na adolescência, quando uma professora de História relatou à sua turma ter testemunhado a execução de um grupo de judeus. O fato não constava dos livros escolares. Assim, anos depois nenhum colega se lembrava do relato que impactara Thomas; os pais dele diziam não recordar as multidões que haviam passado por sua porta, rumando para os campos de concentração de Sobibor, Belzec e Majdanek, nos arredores de Lublin. Como alguém apaga isso da memória? Como parte de uma população desaparece sem deixar rastros? Fazendo-se essas perguntas, ele decidiu resgatar a presença judaica de Lublin. Esse resgate, alega, recupera parte da cultura que também é polonesa. ■

Heliete Vaitsman, jornalista, é colaboradora do boletim ASA.

MINHA VIDA DESDE MENINA PARTE III

Adeus, Medicina

Álbum de família



As cinco irmãs (Bertha no centro) em 1934

As recordações se acotovelam na mente, provocando idas e vindas dos assuntos.

Volto ao princípio, com um episódio marcante para mim. Fui uma criança saudável, mamando até os 3 anos de idade com o complemento da ajuda de amas de leite (como era o hábito). Uma destas, contratada num sítio onde passava umas temporadas, era uma camponesa sadia e forte, muito dada a aventuras de amores. Num dia em que ela provocava um camponês que acabara de colher o leite numa grosseira vasilha, ele, furioso, mandou-lhe esse vasilhame. No colo da mulher, eu também recebi o impacto, na cabeça... Foi brutal! Tive de ser levada a um hospital de cidade próxima. A minha recuperação foi boa, o prognóstico, nem tanto: eu poderia ficar surda ou estrábica!!! Venceu esta última hipótese anos mais tarde. Além de me tornar alvo de chacotas das crianças com quem brincávamos, produziu grande desgosto na família e, em mim, grande complexo de inferioridade que se prolongou até a maior parte de minha mocidade (eu, que já me achava muito feia junto às irmãs). Felizmente, tive a assistência dos melhores oftalmologistas da época na Ar-

gentina e no Rio, e o problema foi resolvido mesmo sem operação especial, apenas com o acompanhamento dos graus de visão, permitindo-me trabalhar e estudar sem dificuldades! E o melhor: até consegui ser amada e casar com aquele que foi meu único marido, o saudoso Nathan!

No Rio, papai havia alugado uma boa casa, na Rua Benedito Hipólito, Praça Onze.

Na Praça Onze, que se tornara um reduto de judeus, especialmente imigrantes recentes, fomos matriculadas pela primeira vez numa escola primária (a Benjamin Constant). Triplicou o trabalho de mamãe, que caprichava, lavando e engomando, para tornar impecáveis os uniformes de suas meninas! Em casa, tinha o trabalho redobrado, pois fornecia almoço (pago) aos quatro hóspedes, “inquilinos” dos quatro cantos do grande salão. Lá, funcionavam sob os nomes de Casa Progresso, Casa Rumania, Casa Odessa etc., impressos nos cartões de débito dos fregueses. Assim, iam juntando recursos para trazer suas famílias dos países de origem.

O trabalho de papai segue progressivo, ajudado por um amigo de Beltz, o senhor Alberto Ribinik, que já estava bem

estabelecido. Mas um revés acabou com a “alegria”...

Papai foi então chamado para a capital do pequeno Estado do Espírito Santo pelo primo dele, o Soel, cujos negócios com borracha no Amazonas haviam fracassado, fazendo-o ir para Vitória. Lá, estava sendo bem sucedido como “ambulante”.

Este é o capítulo da nossa maior estabilidade na América do Sul: oito anos seguidos. No Rio, antes de viajarmos para Vitória, tinha nascido na Maternidade das Laranjeiras a menina Cecília, registrada Zília. Mamãe, muito cansada, precisou de cuidados especiais; eu fiquei em casa para ajudar e só depois dos 10 anos de idade pude voltar à escola primária, ficando apta a continuar o secundário no ginásio do Espírito Santo.

Em Vitória tivemos todas as experiências que afetam a vida humana. Nasceu Luisinha, nossa caçula (quando eu já tinha 14 anos – uma mocinha –, e ficava meio constrangida perante as amigas, ao verem mamãe de barriga), que nos deu grandes alegrias. De outro lado, perdemos Terezinha, de forma prematura e trágica! Morávamos no centro da cidade, mas nas férias viajavamos, de bonde, para os banhos de mar na Praia Comprida: era o final da linha e, quando chegamos e nos preparávamos para atravessar para o lado oposto, onde existiam as barracas para troca de roupa, o veículo, em manobras de retorno, colheu em cheio a menina! Foi um grande abalo na cidade e a compreensível desgraça para nós, da família: só o tempo resolveria a mágoa!

1922, Centenário da Independência do Brasil! Grandes comemorações, principalmente no Rio de Janeiro! Eu gostaria de ter ido, não foi possível...

O ginásio do Espírito Santo se destinava só a meninos. Papai, que não desistira do plano de me tornar médica, entrou em contato com o reitor do ginásio, o padre Elias Thomazi, e ele me aceitou entre os

rapazes, “caso eu não objetasse”. Fiquei sendo, então, a única menina figurando no quadro da formatura entre os homens. Seguindo meu exemplo, nos anos posteriores, várias meninas entraram no ginásio, a começar pela minha irmã Célia. No centro do quadro vê-se o doutor Aristeu Aguiar, diretor do ginásio, homenageado, assim como os outros dois funcionários.

Quando precisei procurar informações sobre a faculdade, por impossibilidade de mudança dos pais aceitamos, eu e Célia, a companhia de uma senhora amiga, dona Rosinha, que pretendia vir ao Rio de Janeiro abrir uma pensão. Ela era companheira de uma pessoa muito amiga, não judia, o senhor Pereira, competente guarda-livros, muito culto, bondoso e de confiança. Com o consentimento dos pais, viajamos ao Rio em novembro daquele ano, ficando na pensão com mesada modesta.

Verifiquei que deveria esquecer o sonho da Medicina. Era demasiado dispendioso para as posses de nosso pai e eu não poderia, ao mesmo tempo, estudar e trabalhar.

O trabalho feminino já estava sendo requisitado em datilografia, estenografia, balcão etc. Uma associação feminina se encarregava de conseguir os empregos. Célia e eu fomos logo contratadas. Célia, para datilografia no Departamento de Saúde Pública, que estava fundando uma Escola de Enfermagem com a direção de escolas americanas (hoje Ana Néri); eu, também como datilógrafa e para serviços especiais, nos escritórios da conhecida Mesbla (antes Mestre Beatgê).

Meu trabalho se destacou, pois eu fora muito boa aluna e com meu português correto tornara-me revisora na sala das datilógrafas, corrigindo muitos textos a serem copiados. Fiquei com salário mais elevado que as demais, e o chefe da seção, senhor Sabá, apreciava-me muito.

Entretanto, mandei buscar o resto da família e, para poder ajudá-la, aceitei oferta mais vantajosa. Era da conhecida Casa Hermann, da Rua Gonçalves Dias, onde permaneci 17 anos.

Ali, graças a meu português, fui destacada para a parte administrativa de uma revista para cirurgiões-dentistas, a *Brasil Odontológico*, enviada gratuitamente a profissionais de todo o país. Cheguei à condição de



Vitória, 1921 – Bertha (de pé à esquerda) com irmãs e os pais no Parque Moscoso

secretária executiva, realizando todo o trabalho correlato. A direção era do senhor Luiz Hermann Filho, ficando a parte científica por conta de cirurgiões-dentistas, entre eles os doutores Agripino Ester, Virgílio Moojen de Oliveira e Abelardo de Brito, diretor da Faculdade de Odontologia.

Eu realizava os contatos com os profissionais eminentes do Brasil e, por correspondência, com vários da Argentina, Uruguai e Estados Unidos. Fui associada à Associação Brasileira de Imprensa e convidada para trabalhar nos Estados Unidos, mas permaneci na revista até sua extinção. Pouco tempo depois, a Casa Hermann também encerrava suas atividades.

Deixei de buscar outros empregos porque, já casada com o engenheiro Nathan Feferman, que tinha boa situação profissional, precisava dar maiores cuidados ao nosso filho, Milton, único e querido, que me deu três netos, de quem me orgulho também: Flávio, Carlos e Júlio. Todos, filho e netos, respeitáveis profissionais e cidadãos dignos.

Além disso, eu já estava também engajada em trabalho sócio-assistencial, após o término da Segunda Guerra, quando os nazi-fascistas geraram muita desgraça, especialmente ao povo judeu.

Voltando no tempo, devo lembrar a chegada ao Brasil, em 1929, de minha irmã Eva e do seu marido, o simpático e

culto Benjamin (Beni) Snaider, com quem se casara em Falesti (Rússia). Só depois do casamento Eva obteve permissão das tias para vir integrar-se à família.

Morávamos na Tijuca (Rua Pinto de Figueiredo, junto à Praça Saens Pena), num amplo segundo andar, onde Eva e Beni vieram viver conosco. Fluente em ídich, Beni obteve emprego na BIBSA (Biblioteca Israelita Scholem Aleichem), salário modesto, para ajudar a família. Após algum tempo freqüentando os eventos numerosos, conferências etc., Beni, que já era contabilista, conseguiu melhor emprego, numa firma inglesa de consultoria, a conhecida Delloite, Plender, Griffit and Co. Isso permitiu ao casal ir morar sozinho após melhoras no estado de saúde de Eva, que tinha dores de coluna em consequência de quedas sofridas na terra natal, a Bessarábia. Beni, além de outros predicados, era notável enxadrista, autor de problemas, e se correspondia com igualmente notáveis colegas na especialidade, de várias cidades e países.

Na Europa, desenvolviam-se os movimentos socialistas, após o de 1917, na Rússia. No Brasil, houve movimentação político-social no Nordeste, que atingiu o Rio de Janeiro, com participação de elementos sociais e adesão de algumas entidades militares, o que não agradou às oposições. ■

(Continua no próximo número)

Um aporte valioso

Isac Gliksberg / Especial para ASA

Em setembro de 2007 completaram-se 70 anos da criação, em Paris, do ICUF – Ídisher Cultur Farband, a Federação de Cultura Judaica. Em que contexto político e social se realizou esse Congresso? Por que em Paris e não em outra cidade? Quem promoveu essa iniciativa cultural tão interessante e importante? Por que em 1937, nem antes nem depois?

Nos anos de 1936 e 1937, a denominada Declaração Balfour havia dividido os judeus em esquerda e direita. Não se deve esquecer que, enquanto os sionistas proclamavam a necessidade de um Estado judeu na Palestina, na União Soviética já se estava realizando a experiência do Birobidjan, primeira República Socialista Soviética Autônoma Judaica. Na Europa, assistia-se a um manifesto crescimento do nazismo e do fascismo, com a ascensão de Hitler na Alemanha e de Mussolini na Itália. Na URSS, que havia atraído a simpatia de trabalhadores e intelectuais de todo o mundo pela criação de uma nova sociedade, realizavam-se os lamentáveis Processos de Moscou. Na Espanha, começava a trágica, e injustificável, insurreição militar do general Franco contra o governo popular legitimamente eleito pelo povo espanhol, com uma guerra civil que foi preâmbulo e cenário de ensaios para a maior tragédia bélica do século 20, a Segunda Guerra Mundial. O levante de Franco deixou como saldo uma ditadura que durou meio século. Na Polônia, com a ditadura de Pilsudski, aumentam os ataques e discriminações contra os cidadãos poloneses de origem judaica, a maioria dos quais vive em condições econômicas e sociais difíceis.

No movimento comunista internacional tem início, naqueles anos, uma discussão que desembocará nas famosas teses de Giorgi Dimitrov sobre a criação das Frentes Populares. No continente americano, os Estados Unidos vinham, desde

os anos 1920, impondo cotas ao ingresso de imigrantes europeus em seu território. A medida prejudicava as possibilidades dos judeus europeus que procuravam terras onde pudessem ter melhores condições de vida, e dos quais a maioria tinha o ideal de chegar precisamente aos EUA.

No Brasil, o fracasso do levante da Aliança Libertadora Nacional, em 1935, fortaleceu os elementos autoritários entre militares e civis. Luiz Carlos Prestes, um dos líderes do levante, comandante da famosa Coluna que levou seu nome, nos anos 1920, e que aderiu ao marxismo, foi preso por dez anos em condições de isolamento total. Em 1937, denunciando uma suposta conspiração comunista, Getúlio Vargas inaugura o Estado Novo, de natureza fascista, que só acabaria ao final

A Declaração Balfour havia dividido os judeus em esquerda e direita.

da Segunda Guerra Mundial.

Diante de todos estes – e outros – fatos, em julho de 1936, reúnem-se em Paris escritores democráticos e progressistas do mundo inteiro no Primeiro Congresso dos Escritores Anti-Fascistas, sob o lema “Em defesa da cultura”. Inicialmente, o Congresso deveria realizar-se na cidade de Madri, mas dada a guerra civil que se estava vivendo lá, resolveu-se realizá-lo na vizinha capital francesa. Entre os escritores presentes encontravam-se alguns judeus, inclusive o soviético já internacionalmente reconhecido Ília Ehrenburg.

Ehrenburg e outros escritores judeus, antes de terminar o Congresso, resolvem reunir em futuro próximo um encontro similar, mas com escritores de todo o

mundo exclusivamente judeus, e em defesa da cultura judaica, particularmente da cultura em língua ídish. Idioma oficial da República do Birobidjan, o ídish vinha sendo desconsiderado em vastos círculos judaicos dos EUA, do Canadá e, particularmente, da Europa.

Finalizado o Congresso de Paris e tendo os participantes retornado a seus respectivos países, começou a se gestar, a nível europeu e americano, um movimento com vistas à realização de um Encontro Mundial de escritores judeus democratas e progressistas, para o qual foram criados, em cada país, Comitês Preparatórios.

Em Paris, uma Frente Cultural Judaico-Francesa passa a centralizar as atividades em prol da realização do Congresso, tarefa que é depois transferida para o Comitê de Nova York. Comitês similares foram criados na URSS, Polônia, França, Romênia, Bélgica, Canadá, EUA, Brasil, Argentina, Uruguai e outras cidades americanas e europeias.

A menção dos nomes que o integravam já dá uma idéia do nível do Comitê dos EUA. Seu presidente era o doutor Chaim Zhitlovski e o secretário, o conhecido escritor e crítico literário Kalmen Marmor. Figuravam também Moishe Olguin, jornalista e fundador do diário progressista em ídish *Di Fraihait* (posteriormente *Morguen Fraihait*, que foi publicado durante mais de meio século), o escritor Iosef Opatoshu, B.Z.Goldberg (genro de Sholem Aleichem), o escritor e dramaturgo Peretz Hirszein, o escritor e jornalista Moishe Katz, o escritor Hersz Leivik, o intelectual doutor Mukdoni, o historiador Simon Dubnov, o escritor Sholem Niger e os já então famosos atores do teatro e cinema ídish Morris Schwartz e Jacob Ben Ami.

Na Polônia, o Comitê era integrado, entre outros, pelo escritor Zalmen Reizen, o jornalista e escritor Nachmen Maizl e o ator e diretor teatral Abraham Morevski.

Como nos demais países, também do Comitê de Buenos Aires fizeram parte reconhecidas figuras da cultura ídich da Argentina: o jornalista de programa radiofônico em ídich Sh. Glazerman, os jornalistas I. Botoshanski, L. Shitnicki e L. Groisman, o secretário geral da Casa de Cultura Mendele, de Buenos Aires, J. Goldszer, o redator do *In Gang*, doutor Sh. Drukarov, o poeta Shneier Waserman, o presidente do Tzwiszo (organização que reunia as escolas laicas universalistas), o doutor I. Kovenski, o professor de escolas judaicas ídich W.Kuper, o secretário da instituição teatral IFT, M. Lev, e Abraham Moskovicz.

O Comitê Preparatório de Paris começou a editar um boletim mensal que era distribuído em todos os países interessados, e na capital francesa foi feita a convocação para o Primeiro Congresso Mundial para a Defesa da Moderna Cultura Judaica Universalista. O Congresso se propunha, entre outras medidas, a “coordenar e estimular a atividade cultural judaica ameaçada pelos perigos da divisão nas diversas comunidades judaicas do mundo, analisar a situação e os objetivos da literatura em ídich, defender a cultura judaica em ídich ameaçada por inimigos internos e externos e abordar os principais problemas dos escritores em língua ídich que careciam de editores para publicar suas criações literárias, além de discutir os problemas da escola e da educação judaica, da imprensa em língua ídich, do teatro em ídich e do teatro judaico em geral, da arte e da ciência judaica em geral”.

Durante o resto do ano de 1936 e a primeira metade de 1937, distribuíram-se em todo o mundo diversos materiais e anúncios para informar aos interessados os objetivos e detalhes do Encontro. Além do boletim mensal, publicavam-se permanentemente na imprensa judaica apelos e convocações de intelectuais em ídich de todos os cantos do planeta.

Em julho de 1936, o Uruguai havia escolhido para participar do Encontro Internacional o engenheiro Berl Halpern, mas, no mesmo ano, este ativista decidiu partir com sua família novamente para a

Europa, a fim de se radicar em Birobidjan. Foi substituído por Moisés Niselkowski, porém, finalmente, por razões financeiras, quem representou o Uruguai e a Argentina – e creio que também o Brasil – foi o escritor residente na Argentina Pínie Katz, que contava com valiosos créditos culturais desde 1905.

Originalmente, o Brasil havia designado para participar como delegado o intelectual M. Kopelman. O autor deste artigo não conseguiu confirmar a participação de Kopelman.

Um programa experimental é enviado de Nova York para ser discutido e aprovado por todos os comitês espalhados pelo mundo. A sua redação final é a seguinte:

1°) O idioma ídich desde a Conferência de Tchérnovitz; coordenação das diversas tentativas de unificar os termos da gramática ídich (3 conferências);

2°) Situação e tendências do desenvolvimento da literatura em ídich (3 conferências);

3°) A escola judaica em ídich, laica e universal em todo o mundo (3 conferências);

4°) Os inimigos internos e externos da cultura judaica em língua ídich:

- a- perseguições,
- b- desagregação,
- c- assimilação (3 conferências)

Criam-se as seguintes comissões de trabalho, que deverão aprofundar o estudo de cada tema particular e emitir uma Declaração Final Universal, tendo como base pelo menos dez sub-temas, que, por razões de espaço, não detalharemos neste artigo:

■ Comissão para estudar a situação atual e perspectivas da literatura e da imprensa judaica em ídich

■ Comissão para estudar a situação atual e perspectivas do teatro em ídich

■ Comissão para estudar o ensino, a educação e a escola judaica em ídich

■ Comissão para estudar a criação e o funcionamento de bibliotecas com livros e material em ídich

■ Comissão para o tema Ciência

■ Comissão para estudar a situação

atual e perspectivas da pintura e demais artes visuais

■ Comissão para estudar a situação atual e perspectivas da música e dos movimentos corais em ídich

■ Comissão para os problemas de caráter organizacional

Ao se aproximar a data do evento internacional, uma declaração de objetivos ressalta que o evento deverá “preocupar-se em ampliar, aprofundar, enriquecer a cultura judaica e progressista, e estimular seu crescimento com justiça social e liberdade”.

Finalmente, o Primeiro Congresso Mundial para a Defesa da Moderna Cultura Judaica Universalista teve lugar em Paris, de 17 a 22 de setembro de 1937.

Nesse Congresso criou-se o *Ídisher Cultur Farband-ICUF* (Federação de Cultura Judaica) e, a partir de então, somos todos, 70 anos depois, testemunhas de seu rico e valioso aporte para a cultura, a democracia e a liberdade do povo judeu na Diáspora e no Estado de Israel até os nossos dias. ■

Isac Gliksberg, engenheiro, é diretor de Imprensa e Difusão do Laboratório Tecnológico do Uruguai e escreve para diversas publicações.
Tradução de S.M.G.



Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555
www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Kibutz antroposófico

Henrique Veltman / Especial para ASA

É o seguinte: em 1987 inaugurou-se no Museu da Diáspora da Universidade de Tel Aviv a exposição sobre os hebraicos da Amazônia. Sergio Zalis e eu lá estávamos, ele incomodado com paletó e gravata, eu muito à vontade, de calça jeans & camiseta. Ouvimos entediados o *speech* do Marcos Wasserman, que não sabia nada sobre a exposição, sobre os hebraicos e sobre nós. E disse um monte de bobagens para a boa platéia presente. Coisas de Israel.

Pra nós, a exposição foi um sucesso e uma emoção várias vezes renovada. Demos entrevistas à rádio e à TV, fomos reconhecidos nas ruas e nos locais públicos. Os jornais dedicaram bom espaço à exposição e ao tema. Foi muito bom.

Estávamos entre o Rosh Hashaná e o Iom Kipur. Eu encarei naqueles sagrados dias um santo banho de mar na praia de Tel Aviv e tive uma experiência incrível numa sinagoga de rito misto, isto é, um *shil* de búlgaros sefaradis, mizrahis e ashquenazis, tudo junto. O *hazan* era um sócia perfeito do meu querido e saudoso irmão Moisés, e eu fiquei o tempo todo do serviço olhando para o búlgaro. No fim, ele me procurou, conseguimos nos entender numa mistura de hebraico, francês e ladino, e por ele fui convidado a participar dos comes-e-bebes no salão da sinagoga. Foi ótimo.

Enquanto eu curtia Tel Aviv, o Sergio se mandou pra visitar amigos (e amigas) num kibutz antroposófico, no norte de Israel. Quando nos reencontramos, ele me contou das surpresas do kibutz. Da ausência de energia elétrica, do mobiliário de madeira

(nada de plásticos!), da comida orgânica e pra lá de kasher, da beleza das crianças.

Resolvi conferir *in loco*. Na semana seguinte, sem lenço nem documento, sem convite e sem conhecer ninguém, me mandei pro kibutz Hassolelim e conferi a antroposofia israeli. Foi muito interessante. A antroposofia, pra quem não sabe, é uma ciência (?) espiritualista criada por Rudolf Steiner, no século passado, que se propõe a reunir os pensamentos científico, artístico e espiritual e, dessa forma, responder algumas das questões mais profundas do homem moderno sobre si mesmo e sobre suas relações com o Universo. A pedagogia criada por Steiner é também conhecida como pedagogia Waldorf.

O que vi e ouvi no kibutz foi que a antroposofia difere da teosofia em seu foco prático, sua ênfase está no desenvolvimento de impulsos artísticos, em ter como base teórica o esoterismo ocidental. A antroposofia tem uma visão positiva de Jesus, apesar de que é bastante diferente da visão cristã comum. Segundo os *haverim* do kibutz, perfeitamente aceitável para aquela comunidade judaica.

O objetivo do antropósofo é tornar-se “mais humano, ao aumentar sua consciência e deliberar sobre seus pensamentos e ações”. Pode-se atingir altos níveis de consciência pela meditação e observação dos fenômenos da natureza e do próprio processo cognitivo. Steiner descreveu e desenvolveu numerosos exercícios para a obtenção da capacidade de experienciar o mundo supra-sensível.

Reprodução



Rudolf Steiner

Vertentes práticas da antroposofia incluem: a arquitetura (Goetheanum), a agricultura biodinâmica, a educação infantil e juvenil (pedagogia Waldorf), a farmácia homeopática (Wala, Weleda, Sirimim), a filosofia (A “Filosofia da Liberdade”), a eurytmia (“o movimento como verbo visível e som visível”), e os centros para ajuda de crianças especiais (Vilas Camphill).

A antroposofia possui adversários. Muitos críticos a designam como um culto, algo parecido com os movimentos da Nova Era. De toda forma, seria um culto que fortemente enfatiza a liberdade individual.

Steiner freqüentemente estimulou seus estudantes a testarem tudo o que ele dizia, e, em muitas ocasiões, até mesmo implorou a eles que não tomassem nada do que dissesse com base na fé ou autoridade.

Detalhe: o kibutz antroposófico nasceu sob a *protéctsia* e inspiração do Abraham Burg, ex-presidente da Organização Sionista Mundial e da Agência Judaica, ex-deputado na Knesset, e hoje um dos maiores críticos do sionismo e do establishment israelense. Durma-se com um barulho destes. ■

Henrique Veltman, carioca, 72 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Alberto Band - Advogado

Rua Álvaro Alvim, 48 / 405 - Centro - Telefone: 2220-2784

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dr. Sérgio Fiser - Cirurgia plástica, estética, Botox,
preenchimento de rugas, câncer de pele

Rua Siqueira Campos, 43 / 608 - Copacabana - Telefone: 2257-0359

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 - Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

José Paulo Nebel - Psicólogo/ Psicanalista

Rua Benjamin Batista, 197/ 302 - Jardim Botânico - Telefone: 2286-5075

A AFIB em Niterói

Andréa Telo da Corte / Especial para ASA

A coletividade judaica de Niterói se estruturou nas primeiras décadas do século 20. Embora tenha sido possível mapear 296 indivíduos vinculados às atividades comerciais, apenas 7,7% desse total eram mulheres. Portanto, a primeira geração de imigrantes judias em Niterói esteve quase sempre do lado de dentro de suas casas. Os esforços em benefício das vítimas da guerra, a partir de 1945, alteraram esse quadro, e entre 1945 e 1980 diversas organizações dirigidas por mulheres se desenvolveram na cidade.

A história da Associação Feminina Israelita Brasileira - AFIB, seção Niterói, confundiu-se com a atuação das senhoras ligadas à Biblioteca David Frischman. A Biblioteca, conforme relato de Sara Rabinovici, uma das remanescentes da AFIB-Niterói, era um reduto predominantemente masculino. Aos poucos, as mulheres perceberam a necessidade de um espaço próprio para ler e discutir os temas da cultura ídich. Coube a Zilda Graber a iniciativa de formar um grupo, que teve em sua casa, no centro de Niterói, o porto seguro. Entre 1945 e 1947, semanalmente, participaram dos comitês para auxílio às vítimas da guerra e das atividades sociais da Biblioteca.

Em 1947, antenada com o que estava ocorrendo do outro lado da Baía de Guanabara, dona Zilda entrou em contato com o comitê central do Rio de Janeiro, já liderado por Lenta Lerner. Inaugurada em 19 de novembro de 1947, a Associação de Senhoras Israelitas Vita Kempner tinha o objetivo de auxiliar os órfãos judeus vítimas da guerra. Zilda Graber integrou a primeira diretoria, na qualidade de fiscal.

Em 3 de janeiro de 1948, foi organizada uma seção em Niterói. Do grupo liderado por Zilda Graber tomaram parte: Rosinha Tetelbaum, Regina Landman, Ana Schwartzman, Sara Rabinovici, Zilda Micmacher, Sofia Rubens, Ruske Kawa, Dina Mocny, Aída Wrobel, Judith Zoninsein, Fany Wrobel, Luba Lan, Paulina Wrobel,

Miriam Waksman, Tzipa Vaisburd, Rebeca Gueller, Leia Katz, Cecília Chachamovitz, Rosinha Nalberger e Paulina Malbergier, quase todas imigrantes.

Os relatórios anuais de que dispomos graças ao Arquivo Luiz Goldberg demonstram que, no mesmo ano de fundação, a seção Niterói realizou diversas campanhas – como a da Haganá e a do Comitê de Emergência para Israel –, cooperou com instituições locais e auxiliou nos trabalhos cotidianos da Biblioteca.

Em 1950, representada por Zilda Graber e Aída Wrobel, associou-se ao ICUF e participou do congresso nacional da Vita Kempner, onde apresentou proposta para fundação de clubes infantis.

As mulheres estavam excluídas do exercício do poder.

Em 1949 e 1950, as progressistas de Niterói angariaram recursos para a realização das primeiras colônias de férias, em Águas de Lindóia e Guararema.

Paralelo às atividades da AFIB-Niterói, desenvolveu-se em 1948 o Lein Kraiz M. M. Sforim, círculo de leitura feminino destinado a promover a literatura ídich, bem como a informar e atualizar as mulheres em debates sobre política e identidade judaica.

Em 1953, Judith Zoninsein introduziu no círculo a literatura brasileira, atraindo as jovens senhoras nascidas no Brasil que desconheciam o ídich. Em conjunto com a AFIB, o Lein Kraiz realizou inúmeros eventos, como as comemorações do livro judaico, debates políticos e conferências, sempre “regados” a teatro ídich.

Na década de 1960, a segunda geração ascendeu à direção da Biblioteca David Frischman, cuja sede foi transferida da região central para o bairro de Icarai.

Restam pouquíssimas informações da atuação dessas mulheres. Uma das fontes para análise são as atas da Biblioteca David Frischman / Associação David Frischman.

De 5/12/1960 a 3/5/1995, as diretorias da BDF/ADAF foram ocupadas por homens. As atas desse período registram apenas 21 referências “substantivas” à participação das mulheres, sem qualquer destaque para suas opiniões ou para seu trabalho social. As menções se resumem a parabenizar o setor feminino pela forma como preparou os “comes e bebes”.

Em 22 de outubro de 1966, data em que a Associação David Frischman de Cultura e Recreação foi fundada em substituição à Biblioteca, e foram votados os novos estatutos da associação, nenhuma mulher assinou a ata. Os quarenta signatários eram homens! E apenas estes eram considerados sócios. Às mulheres dos associados eram garantidas, no máximo, a isenção da contribuição mensal no período de um ano após o falecimento do marido e a participação nos órgãos sociais! Excluídas do exercício do poder, estavam reduzidas ao papel de cozinheiras!

Se para as mulheres sobressai a ideia da complementaridade de papéis entre os dois sexos, a análise das atas revela uma visão profundamente hierarquizada e desigual das relações entre o masculino e o feminino dentro da BDF/ADAF.

Em suma, as progressistas de Niterói, em que pesem a desigualdade de poder e a alternância das ideias de complementaridade e subordinação, demarcaram um espaço próprio, legando às suas filhas novas possibilidades de atuação e condições de questionar as desigualdades de direitos que não conseguiram discutir. Sobretudo, saíram de casa e fizeram ecoar suas vozes! ■

Andréa Telo da Corte, mestre em História Social, está desenvolvendo tese doutoral sobre a comunidade judaica de Niterói pela UFF.

Uma língua dos judeus

Álvaro Cunha / Especial para ASA

Para os ascendentes dos *sefaradim*, judeus da Península Ibérica, 5252 – 1492 pelo calendário cristão – é concebido como o desditoso ano, em que *personae non gratae* (a rainha Isabel de Castela, o rei Fernando de Aragão e o frade dominicano Torquemada) e acontecimentos (Inquisição e expulsão) afligiram os israelitas da região.

Muitos foram assassinados e suas propriedades usurpadas mesmo antes de dizerem adeus, outros se dissiparam da Espanha e se precipitaram mundo afora, rumando para longe da Península Ibérica. A Inquisição, tribunal eclesiástico conhecido como Santo Ofício e que perseguia judeus, muçulmanos e irreligiosos, tornou-se famosa em razão da sangria, queimações em praças públicas e torturas. Sob a égide do 4º Concílio de Latrão, em 1215, esteve em intenso exercício até a primeira metade do século 19, sendo mais inflexível na Espanha e em Portugal.

A língua usual dos *sefaradim* que imigraram para a Turquia, Sérvia, Bulgária, Romênia, Grécia, Israel, França e regiões circunvizinhas foi o ladino; a dos que imigraram para o norte da África ficou conhecida como haquitia.

Apesar de ambas terem a mesma origem – castelhano –, o ladino é basicamente o idioma de Castela do século 15, recheado de palavras turcas, italianas, gregas, francesas, hebraicas, entre outras, mas com a idiosincrasia fonético-fonológica e morfossintática ibérica. Não muito diferente, a haquitia resulta da soma de três idiomas – 42% de castelhano

do século 15, 38% de árabe marroquino e 20% de hebraico litúrgico –, que é igual ao judeu-marroquino.

Haquítico-falantes entendem o que ladino-falantes querem dizer, mas o contrário não é verdadeiro. A haquitia é mais oral que escrita, fala-se com maior frequência do que se escreve; há irrisórios documentos oficiais e religiosos, contudo o número de missivas familiares é relativamente significativo. Não se chegou a um consenso para definir a grafia da haquitia – se em caracteres latinos ou hebraicos. Os haquítico-falantes nunca se importaram em estabelecer um alfabeto para a língua.

Os judeus sefaradis, séculos atrás, experimentaram uma situação de isolamento absoluto – social, cultural e lingüístico –, se comparados com seus patrícios de outras regiões. Criaram, então, formas especiais de falar, seja por particularidades culturais ou por autodefesa, a fim de se comunicarem sem serem compreendidos por não-judeus.

As chamadas línguas judaicas surgiram por pelo menos três razões. 1- Segregação: os judeus não adquiriram as normas dos dialetos não judaicos coterritoriais por causa da exposição limitada à sociedade não judaica. Como resultado, eles podiam não seguir normas não judaicas de padronização. Suas línguas, cortadas das inovações lingüísticas que afetavam os falantes não judeus, se tornavam arcaicas; 2- Separatismo religioso: o judaísmo encorajaria o uso do hebraico e do aramaico e apresentaria relativo fechamento

para os termos da língua nativa que denotassem conceitos religiosos não judaicos e línguas litúrgicas não judaicas; 3- Migrações: com a expulsão, aumentou a probabilidade de os judeus ficarem mais largamente expostos a dialetos heterogêneos e a línguas estrangeiras do que a população não judaica relativamente mais sedentária.

Religiosos *sefaradim* passaram para o ladino centenas de páginas que continham preces e escritos judaicos. O primeiro documento impresso apareceu em Constantinopla, no ano de 1510. Já para documentos vazados em haquitia é improvável que haja um lugar e uma data tão precisa, pois essa variante lingüística judaico-românica era considerada uma fala de comunicação estritamente oral e popular, sem finalidade religiosa.

No desfecho da Idade Média (1453), num ambiente permeado pela ideologia religiosa intolerante e por interesses político-econômicos tenebrosos, milhares de judeus – homens, mulheres, crianças e idosos – expulsos da Espanha ficaram órfãos da pátria na qual nasceram e cresceram e que ajudaram a construir e desenvolver. Após a queda do reino de Granada, os reis cristãos puseram fim à existência dos judeus no território ibérico.

Acolhidos no Império Otomano pela dinastia dos Banu Marin, esta foi complacente com os judeus a ponto de lhes dar proteção, ainda que em troca do pagamento de impostos. Outra curiosidade é que os judeus não serviam às armas e gozavam de liberdade intelectual, judicial e religiosa. A maioria dos historiadores israelenses enfatiza que, no Marrocos, os israelitas tinham relativa autonomia. Estabeleceram de forma independente seus próprios conselhos e suas próprias instituições jurídicas, ficando aos cuidados da legislação muçulmana apenas os casos de delitos criminais. Fora isso, os judeus tinham voz e vez.

Por fim, a haquitia acaba de se constituir num veículo lingüístico comum a uma parcela de judeus procedentes da Espanha e de Portugal, os quais foram vítimas do primeiro holocausto do povo israelita. ■



Diáspora dos falantes da haquitia e do ladino

Álvaro Cunha é jornalista e lingüista.

Encontro Coral

Realizou-se, nos dias 6 e 13 de julho, o **13º Encontro Coral da ASA**. Com o habitual sucesso, o Encontro reuniu sete corais. No dia 6, cantaram o **Coral da ASA**, **Os Curumins**, o **Coral São Vicente a Capella** e o **Coro de Câmara Pro-Arte**. No dia 13, o **Coral SulAmérica**, o **Coro de Câmara da E. M. Villa-Lobos**, o **Coral FINEP** e o **Coral da ASA**.



Coral da
ASA



Os Curumins



Coral São Vicente a Capella



Coro de Câmara Pro-Arte



Coral do Gresul



Coro de Câmara da E.M.Villa Lobos



Coral FINEP



Mauro Band, presidente da **ASA**, e a regente do Coral da ASA, Claudia Alvarenga



Recadastramento de sócios-proprietários da ASA

Para atualizar dados e regularizar a situação perante a entidade, a **ASA** - Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação está recadastrando seus sócios-proprietários. Se você se enquadra nesta categoria, entre em contato com a secretária da Associação pelos telefones 2539-7740 e 2535-1808, das 9 às 18 horas. Se preferir, obtenha informações pelo e-mail asa@asa.org.br. Por se tratar de assunto de mútuo interesse, a **ASA** agrade antecipadamente a sua colaboração.

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001